# Radiofonia comentada

Regina Teixeira da Costa entrevista Jairo Gerbase

Entrevista realizada com Jairo Gerbase após o seminário em setembro de 2003, a convite do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte.

1. Regina Costa: Tratando-se de uma entrevista de Lacan para uma emissora de rádio, que para nós psicanalistas deve ser trabalhada e comentada para ser compreendida, fiquei pensando se ele não teria se mantido, como é de seu estilo, tão enigmático justamente para demonstrar que a comunicação não existe ou talvez colocar as pessoas a trabalho. Como você entende a densidade dessa entrevista de Lacan para uma rádio? Teria ele colocado em ato um outro modo de informação distinta dessa da mídia?

Jairo Gerbase: O estilo gongórico de Lacan, isto é, caracterizado pelo excesso de metáforas, antíteses, inversões, trocadilhos e alusões clássicas, tem sido explicado por diversos autores e por ele próprio como necessário para evitar a distorção de seus argumentos. Supõe-se que isso teria acontecido com o texto de Freud, ao menos no que diz respeito ao paradigma adotado pela autodenominada *ego psychology*. Há equívocos de terminologia, tais como os indicados por Paulo César Souza em "As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões" – *Ich, Es, Besetzung, Verdrängung, Vorstellung, Angst, Nachträglich, Verneinung, Verwerfung, Zwang, Trieb* –, e há equívocos conceituais como o da autonomia do eu em oposição à divisão do sujeito, ou da supremacia do significado sobre o significante, ou ainda o da ilusão da pulsão genital como meta do "desenvolvimento" libidinal x irredutibilidade da pulsão parcial etc.

Se fôssemos tomar um exemplo nessa entrevista de Lacan, eu destacaria que, na frase "A lingüística, com Saussure e o Círculo de Praga, se institui por um corte que é a barra colocada entre o significante e o significado, para que prevaleça aí a diferença por intermédio da qual o significante se constitui absolutamente, assim como efetivamente se ordena por uma autonomia que não tem nada a invejar aos efeitos de cristal: para o

sistema do fonema, por exemplo, que é o primeiro êxito dessa descoberta", quando faço o comentário que segue, assumo certa responsabilidade pelo que digo, que já não pertence mais ao enunciado de Lacan, e assim sucessivamente.

Essa nova lingüística se caracteriza pelo corte, pela barra colocada entre o significante e o significado. (S/s). A relação do significante e do significado é uma relação complexa. Para que um significante produza algum tipo de efeito no significado, é preciso transpor essa barra, que não é uma simples barra de fração, mas uma barra que pode ser chamada de barra do real. Já temos aí, portanto, uma questão importante: a relação do significante com o significado depende da transposição dessa barra, o que não se faz facilmente. Primeiramente usado por Saussure para o sistema do fonema, para explicar nosso acesso à língua, Lacan, que notara que havia algo em comum entre a pesquisa de Saussure e a de Freud, tentou estender esse estudo, que se aplicava ao signo lingüístico, a toda a rede do simbólico. E creio que Lacan dá um passo a mais, ao dizer que em Saussure a relação do significante e do significado é uma relação entre uma imagem significante e um conteúdo significado. Se se disser a palavra árvore, se apreende ao mesmo tempo a imagem significante e o que ela suscita como significado literal e metafórico: o vegetal e a árvore circulatória ou genealógica etc. Dessa relação se sustenta a definição da linguagem como meio de comunicação. Porém Lacan quer explorar uma outra propriedade dessa relação do significante e do significado. Na passagem do significante ao significado e por conta da resistência da barra do real, produz-se um efeito de sentido que chamamos de sujeito e escrevemos com esta letra: $.

Em que Freud antecipa Saussure? No fato de que Saussure explora no signo lingüístico (S/s) o efeito de significado de um significante que é chamado de conteúdo significado, e Lacan diz que Freud explora um outro tipo de efeito de significado de um significante, que é chamado de efeito de sujeito.

2. Regina Costa: Como você ressaltou em seu comentário, o sintoma da dúvida, o que Freud denominou de *Zweifel*, é uma boa ilustração do que significa o sujeito, efeito de sentido sem conteúdo. Segundo ele, o sujeito fica na dúvida – medicina ou arquitetura, homem ou mulher etc., são derivados, são secundários –, e ele propunha que se procurasse na experiência analítica a dúvida primária, pois o sistema da dúvida é em si sem conteúdo. Nesse sentido, podemos dizer que a dúvida primária é real. E, para fechar o cerco, podemos dizer que essa concep-

ção do sintoma do sujeito permite defini-lo como real. Você poderia dizer mais alguma coisa sobre essa dúvida primária?

JAIRO GERBASE: Claro. Posso dizer que o sintoma da dúvida, o que Freud denominou de *Zweiffel*, que se nos apresenta em geral como indecisão ou insegurança para decidir alguma coisa, decidir, por exemplo, se devemos ou não emprestar uma importância a um irmão que está em situação financeira delicada, levou um sujeito em particular a desenvolver um quadro de ansiedade pânica, por não saber decidir se devia seguir o pacto da família, segundo o qual os irmãos devem ser solidários.

Esse é um pacto muito generalizado, apesar de pouco cumprido. Chego a pensar que é um pacto inclusive que pode levar a uma situação paranóica, se levado a sério. Qualquer outro sujeito que não for familiar, que for estranho, está condenado a ser inimigo. Confiar somente no irmão. Feito esse pacto, o sujeito fica obrigado a aceitá-lo ou a contrariá-lo e, no segundo caso, isso pode implicar um sintoma.

Então o sujeito fica na dúvida – ser ou não ser solidário com um irmão –, e esse tipo de dúvida, Freud afirmou que se apresentava sempre na forma de derivados, de elaborações secundárias. Apresentava-se como dúvida entre ser médico ou psicólogo, ser homo ou heterossexual, e ele propunha que se procurasse na experiência psicanalítica a dúvida primária, que se remontassem, na técnica da análise da obsessão, às dúvidas secundárias, até chegar à dúvida primária, a primeira dúvida.

Quando se faz esse exercício que Freud propôs, chega-se ao impasse que ele próprio encontrou na técnica, que é o de dizer: pode ser que essa dúvida não seja a última, pode ser que essa dúvida não seja primária, pode ser que seja encobridora, o que coloca o que é primário em dúvida e leva-nos a dizer que a dúvida primária é sem conteúdo. Freud perseguia o motivo da dúvida, e, no caso do Homem dos ratos, por exemplo, dá como primeiro motivo da dúvida a "dívida simbólica". Mas essa também é uma elaboração secundária. De tal maneira que, quando se procura a dúvida primária, o que verificamos é que ela é sem conteúdo, que há sempre a chance de dizer "essa não é ainda a primeira dúvida".

O primário nunca é aquilo que encontramos na realidade, aquilo que motivou ou desencadeou o sintoma. Essa é a noção de primário. Ela se aplica no mesmo sentido ao recalque primário. O primário é, então, o que não está no nível da experiência. É o que é mítico, ou hipotético, ou axiomático, ou indemonstrável.

3. Regina Costa: O campo da física, da ciência, é definido em função das partículas que seriam o átomo. O campo da linguagem teria como suporte material o significante ou as partículas, objeto sensível que é apreendido pelo ouvido e se apreende como voz. Se não houvesse ser falante, linguagem, pensamento, não poderia haver física. Como você vê, essa tentativa de absolutismo ao campo do significante.

Jairo Gerbase: Esse é um ponto de partida fundamental em Lacan, dizer que, tal como a física, a psicanálise trabalha com um objeto tangível, experimental, que é o significante, e que produz um tipo de efeito que chamamos de efeito subjetivo – o efeito sujeito, efeito de sentido de um significante. Essa é uma tese em torno da qual ele sempre girou, por exemplo, na "Conferência de Genebra".

Ao contrário do que estamos habituados a supor, o campo da física não poderia existir se não houvesse o campo do significante. A física só é possível porque há essa coisa chamada pensamento, que devia se chamar linguagem, e que nos permite conceber as partículas. Então, é uma tentativa de dar absolutismo ao campo do significante. A partícula física não seria pensável se não houvesse pensamento. Se não houvesse ser falante, se não houvesse linguagem, se não houvesse pensamento, não poderia haver física.

Então não há nada de impressionante no fato de que Lacan queira, respondendo a um jornalista, afirmar que Freud funda um campo do significante e, nesse sentido, antecipa Saussure. Quer dizer que, para o físico pensar sua partícula, ele não pode dispensar a ajuda do significante, o significante partícula, no caso. Inclusive Quinet, estudando o que é a metáfora, lembra que a teoria molecular dos gases emergiu como uma metáfora engenhosa: "os imaginários corpúsculos passaram a ser entendidos como reais e o significante corpúsculo passou a designar todos eles antes mesmo de as moléculas terem sido observadas através dos microscópios eletrônicos".

4. Regina Costa: Se a voz é um objeto tangível, como pôde ser tomada por Lacan como objeto *a*? Então o objeto *a* teria um suporte material?

Jairo Gerbase: Não. O objeto *a* é imaterial, é insubstancial, é intangível. Todos os objetos da pulsão – o seio, as fezes, o olhar e a voz – não são senão espécies do objeto *a*. Mesmo o significante mestre ($S_1$), o significante não articulado na cadeia,

não dá ex-sistência ao objeto *a*. Isso é o que se chama, na teoria da ciência, de uma aporia. Ter-se-ia de introduzir aqui um esclarecimento do que significa a ex-sistência, e seria preciso pedir a Eugenia Correia, do Piauí, a referência precisa, em sua revista, do filósofo que esclareceu esse léxico hegeliano.

A voz que poderia estar à altura do objeto *a* seria a voz áfona, não a voz do sujeito afônico, mas a voz do sujeito alucinado – a voz da alucinação. Uma aporia é uma dificuldade de ordem racional que parece decorrer exclusivamente de um raciocínio ou do conteúdo dele, uma espécie de antinomia ou paradoxo. A aporia à qual mais recorremos é a aporia de Zenão de Eléia, o chamado eleatismo, pois foi ele quem pela primeira vez empregou o raciocínio por absurdo. Lewis Carroll é uma referência importante na categoria do *reductio ad absurdum*, do desenvolvimento ilícito da menor.

5. Regina Costa: Como podemos entender o cansaço como fruto da relação do sujeito consigo mesmo, não entre o sujeito e o mundo?

Jairo Gerbase: É uma incrível revolução de Levinas dizer que é o esforço que nasce da fadiga, não o contrário, que o cansaço independe do esforço, que o cansaço é fruto da relação entre o sujeito consigo mesmo, não entre o sujeito e o mundo. Estamos tão habituados a pensar o contrário que nos surpreendemos. A noção mais trivial de que a fadiga nasce do esforço é a de estresse. Na minha opinião, a noção de estresse – de que o cansaço advém do esforço – é o exemplo maior de exclusão do sujeito do inconsciente promovido pela ciência. A noção de estresse é um perfeito *mos geometricus*. Ao contrário de muitos escritores que nos ensinam a *imajar* as coisas, a conceber os objetos de acordo com o modo geométrico, Borges nos ensina – e essa é, na minha opinião, sua especialidade literária – a apreender os objetos por meio de conceitos. Em lugar de nos mostrar os objetos a partir de sua forma, ele sempre no-los apresenta a partir de um enunciado. Em *O livro de areia*, ele define dessa maneira um *more* geométrico: a linha consta de um número infinito de pontos; o plano, de um número infinito de linhas; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes...

Em "Escroqueria psicanalítica", Lacan, por seu turno, o define assim: "o famoso *mos geometricus* do qual se faz tanto caso não é senão a geometria dos anjos – apesar da escritura, ela não existe. Certa vez inquietei bastante o Reverendo Padre

Teilhard de Chardin, fazendo-o observar que, se ele se sustentava exatamente da escritura, seria necessário reconhecer que os anjos existiam. Paradoxalmente, o Reverendo Padre não acreditava nisso – ele acreditava no homem, daí sua história de hominização do planeta. Não vejo por que se acreditaria mais na hominização que no que quer que seja da geometria. A geometria concerne expressamente aos anjos, e ao resto, quer dizer, à estrutura, prevalece somente uma coisa, é o que eu chamo de inibição".

Não é por acaso que a noção de estresse faz tanto sucesso na mídia. Promovida mais recentemente pela psiquiatria biológica ao *status* de curinga, apesar de nada explicar, serve para toda e qualquer explicação psicofisiológica dos sintomas, principalmente das fobias.

Hoje mesmo [5 de outubro de 2003], na "Folha Empregos" de *A Folha de S. Paulo*, se usa o curinga estresse para explicar o medo do trabalho. Segundo a OMS, 18% dos brasileiros devem manifestar, algum dia, transtornos fóbico-ansiosos. Uma entrevistada afirma que "tinha passado por um estresse absurdo" até desenvolver uma crise de pânico. Os especialistas da psiquiatria biológica e da psicologia cognitiva afirmam que "grande parte das fobias aparece no local de trabalho porque é no emprego que, em geral, o profissional enfrenta o estresse e as outras emoções capazes de desencadear fobias e doenças como a síndrome de pânico, caso haja predisposição para o problema".

A angústia de castração, postulado fundamental de Freud acerca das fobias, é um assunto excluído, foracluído. Não se quer saber nada disso. É nesse sentido que Levinas resgata, mesmo sem ser freudiano, que eu saiba, o verdadeiro sentido do estresse, porque o concebe como efeito da relação do sujeito consigo mesmo, e não entre o sujeito e a realidade cotidiana. O estresse é o efeito da relação subjetiva, o que implica a angústia. O estresse é um signo da angústia, que por sua vez já é signo do recalcamento de um impulso pulsional.

6. Regina Costa: O efeito de condensação é algo distinto da metáfora, no sentido que parte do recalque e faz o retorno do impossível, do limite no qual se instala pelo simbólico a categoria do real. O que talvez se possa chamar de realmente simbólico. A diferença entre o simbolicamente real, o real no interior do simbólico, é a angústia, e o realmente simbólico, que você coloca como incluído no real, se chama a mentira. A única coisa verdadeiramente real, que conserva um sentido no real, é o sinto-

ma. É bem por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real. A questão que ficou para mim é sobre a mentira ao referir-se ao simbólico incluído no real.

JAIRO GERBASE: Antes de responder sua pergunta, devo citar mais precisamente o parágrafo da aula de 15 de março de 1977, estabelecida com o título "Escroqueria psicanalítica", na qual se encontra a citação que você privilegia, e que, aliás, foi contracapa de *Stylus 6*: "O simbolicamente real não é o realmente simbólico. O realmente simbólico é o simbólico incluído no real, que tem efetivamente um nome – isto se chama a mentira. O simbolicamente real, ou seja, isto que do real se conota no interior do simbólico, é a angústia. O sintoma é real. É mesmo a única coisa verdadeiramente real, quer dizer, que conserva um sentido no real. É bem por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real".

Sua pergunta – por que se chama mentira o realmente simbólico, isto é, o simbólico incluído no real –, agora respondo recorrendo a uma outra explicação de Lacan, que se encontra em sua aula de 11 de janeiro de 1977, estabelecida sob o título "Efeitos de significantes".

Lá, ele diz que é tarefa da psicanálise dizer a verdade sobre o saber. Isso não é, acrescenta, supor o saber ao psicanalista, ou seja, não é a transferência. Como disse também em "Radiofonia", o saber e a verdade não têm nenhuma relação entre si. Em Vincennes, na fundação da "Clínica psicanalítica", disse também que o saber em questão não era nem mais nem menos que o inconsciente. O saber inconsciente é um efeito de um significante. O homem não sabe quase nada do saber, porque o saber lhe é imposto pelo efeito de um significante. Ele, o homem, não está contente com isso, com o fato de que não sabe o que fazer com o saber. É sua debilidade mental. Na hipótese analítica, o que nos socorre é o dizer, a enunciação, e não o dito, o enunciado. O dizer é o que Lacan chama de verdade. Para dizer a verdade, é preciso recorrer aos discursos, entre os quais Lacan isolou quatro. Entre eles, o discurso do mestre, no qual o sujeito dividido – $ – ocupa o lugar da verdade. O discurso do mestre é o discurso menos verdadeiro, quer dizer, é o mais impossível. Ele é mentiroso e exatamente por isso tem mais chance de atingir o real. Afinal, tudo o que se diz é uma escroqueria, não apenas o que se diz a partir do inconsciente. Dito de outra maneira, tudo o que se diz participa de um discurso.

7. Regina Costa: "O inconsciente subverte tanto menos a teoria do conhecimento quanto não tem nada a ver com ela". Lacan toma a teoria do conhecimento como mito, ilusão, e o distingue radicalmente do campo do inconsciente. Há uma extraterritorialidade entre campo do inconsciente e os campos da ciência, filosofia e marxismo.

Jairo Gerbase: O inconsciente subverte tanto menos a teoria do conhecimento quanto não tem nada a ver com ela, pelo fato de que é uma teoria estranha à teoria do conhecimento. Não há como subvertê-la porque lhe é estranha, é muito distante dela. Seria impossível, com base na hipótese do inconsciente, explicar, ao contrário, os efeitos da serotonina e noradrenalina, ou da dupla ação desses transmissores na produção da depressão. É uma explicação que soaria estranha, se disséssemos que é o inconsciente que altera as catecolaminas. Os campos são tão distintos que não se sustentaria dizer isso.

Por isso Lacan dirá que a noção de inconsciente não subverte a ciência porque não tem nada a ver com ela. São campos estranhos entre si. Um se ocupa do corpo como química cerebral e o outro se ocupa do corpo como sujeito de um significante.

Se, por um lado, Lacan diz que o inconsciente é, por outro diz que a teoria do conhecimento não é. Pelo fato de que o conhecimento não pode ser senão ilusão ou mito. Se dermos à palavra conhecimento um sentido mais avançado que o simples "te conheço, fui apresentado a você, li seu livro", se se trata de um autor; se formos mais adiante inclusive da idéia clássica em Sócrates, de conhecimento de si mesmo, que é o que quase todo mundo diz quando se trata de pedir uma análise, que é algo inteiramente diferente da experiência subjetiva de uma análise, constataremos que qualquer pessoa que passou pela experiência de uma análise tem uma idéia completamente diferente do que é o inconsciente, percebe claramente que não se trata de conhecimento.

## resumo

A entrevista trata do texto de Lacan "Radiofonia", realizada em 1970 pelo jornalista Robert Georgin para a rádio belga na qual Lacan expõe a particularidade da psicanálise e sua extraterritorialidade do campo do conhecimento, assim como enfatiza a relação entre significante e significado, que toma de empréstimo da lingüística, mas subverte a relação entre esses termos para se servir deles no campo da subjetividade. Indica assim o absolutismo do campo significante como imprescindível inclusive para sustentar o pensamento.



## abstract

The interview deals with the text of Lacan "Radiophony", carried through in 1970 for the journalist Robert Georgin for the Belgian radio in the which Lacan it displays the particularity of the psychoanalysis and its extraterritoriality of the field of the knowledge as well as emphasizes the relation between significant and meaning, that takes by loan of the linguistics. At the same time subverts the relation enters these terms to serve itself of them in the field of the subjectivity. It points thus the absolutism of the significant field as essential also to support the thought.



## palavras-chave

significante, significado, objeto *a*, *ex-sistência*, sujeito, angústia, teoria do conhecimento.

## keywords

significant, meaning, object *a*, ex-sistence, subject, anxiety knowledge theory.